

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**A LIBERTAÇÃO DO NEGRO PELA
LITERATURA INFANTIL**

Grazielle Tavaresⁱ(UPF)
Tania Mariza Kuchenbecker Rösingⁱⁱ(UPF)

No meio letrado discute-se sobre o motivo da leitura ser deixada em segundo plano pelas estudantes, muitos questionamentos são levantados com o propósito de buscar soluções para minimizar esta situação. A hipótese proposta por este artigo, é a predominância da leituras de origem europeia em detrimento das demais culturas, principalmente a negra, desestimulando o contato das crianças destas origem com os livros, diminuindo a possibilidade destas crianças tornarem-se leitoras.

Por muito tempo, os livros apresentaram o negro em situação submissa ou degradante, quando era preciso colocar um personagem negro este não tinha características sociais, históricas e em muitos casos eram desprovidos de sentimentos. O estereótipo predominante nas ilustrações era aquele eurocêntrico vinculado ao homem branco, considerado padrão de poder, já para os personagens negros, cabia os aspectos negativos fisicamente e o desvio de caráter. Ao entrar em contato com a leitura dificilmente um leitor negro sente-se atraído por estas características, desestimulando-o.

Em 2003 com a a lei 10.639 auxiliou o processo de resgate da história e cultura afro-brasileira, nela prevê a obrigatoriedade deste conteúdo nas intuições de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. Diante de tal cenário o corpus a ser trabalhado é o livro “O Cabelo de Lelê” de Belém (2007), onde o intuito é analisar se

ⁱ Mestranda em Letras, pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Graduada em Pedagogia, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Pós-Graduada *Lato Sensu* em Educação em Valores Humanos, pela Faculdade Integrada "Espírita"; em Arteterapia, pelo Instituto Tecnológico e Educacional (ITECNE).

ⁱⁱ Professora da Disciplina de Conceitos e Objetos de Investigação Linguística e Literária, no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Letras, pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Letras (UPF, 1969) e Pedagogia (UPF, 1977). Mestre em Teoria Literária (PUCRS, 1987), Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS, 1994). Professora do PPGL e do Curso de Letras, atua na linha de pesquisa “Leitura e Formação do Leitor”.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

contempla a valorização da cultura africana através do conhecimento científico e popular, e resgata a identidade da criança negra.

Para a análise deste trabalho, utilizou-se como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, tendo como principal contribuição teórica Azevedo (2002) e Laranjeira (2001). Com as contribuições do primeiro, serão analisados os principais conceitos sobre cultura popular, literatura e padrões culturais. Já o segundo irá delinear o perfil que literatura africana percorreu ao longo dos anos.

1 LITERATURA AFRICANA LUTA PARA A EMANCIPAÇÃO

A literatura africana de língua portuguesa desde o seu primeiro livro impresso em 1849 passou por transformações significativas, contudo o discurso nacionalista chegou aos nossos dias com a mesma finalidade e ainda hoje busca seu espaço e reconhecimento.

Podemos dividir em dois momentos a história da literatura africana, a primeira conhecida como Época Colonial anterior a 1849 até aproximadamente até 1975 e Pós-colonial final da etapa anterior até os nossos dias. A primeira época determinada por textos não necessariamente literários relacionados à África. Segundo Laranjeira (1987) em 1930 surgiu um movimento chamado Négritude, nomeado por intelectuais e políticos, cujo objetivo era buscar a identidade e transformar a conduta em defesa do patrimônio e a humanização do povo afrodescendente.

Na primeira fase pós-colonial, a literatura almejava a sua emancipação, com a independência política dos países colonizados, ela foi marcada pelo grito da liberdade, onde o patriotismo e as histórias dos heróis são retratados. Já na segunda fase, há resquícios da anterior, permanecem nas obras dos grandes escritores da região, vestígios que podem ser visualizados, principalmente quando se trata de superar a situação vivenciada, os traços de incertezas e receios, entretanto, aos poucos as novas ideologias, começam a ser expressas pela escrita.

Mesmo diante do desenvolvimento da literatura africana e da miscigenação promovida pela vinda dos negros para o Brasil, esta etnia não influenciou a origem da

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

literatura infantil neste país, que aconteceu no início do século XX. A princípio os livros destinados para as crianças, tinha o intuito de suprir às necessidades da classe média urbana e valorizar a escolarização, desta forma, as obras transmitiam os valores e ideologias da classe dominante.

Não havia livros destinados para este público, então houve a necessidade de recorrer a algumas estratégias para resolver estas questões, as opções escolhidas eram: tradução de obras estrangeiras, adaptação de obras de sucesso escritas para adultos, e utilização da tradição popular para compor as histórias infantis. Neste período, Figueiredo Pimentel “Publicou coletâneas de muito sucesso, como os contos da Carochinha (1894), onde se encontram as histórias de fadas europeias, ao lado das narrativas coletadas entre os descendentes dos povoadores do Brasil”(ZILBERMAN,2005, p.18)

É notória a influência europeia nas primeiras histórias infantis e como ela ainda está presente em todas as etapas da escolarização, é possível entender por este panorama os motivos que as histórias mais contadas são aquelas relacionadas aos contos de fadas europeus, com personagens que retrata apenas uma pequena parcela da população brasileira. Não podemos deixar de negar que o contato somente com estas histórias, proporciona à poucos a identificação com os personagens.

A atitude em focar somente os contos de fadas, torna a atitude repleta de conotações preconceituosas, que desestimula a pessoa pertencente à outra cultura a buscar esta forma de informação e entretenimento, este pode ser um dos motivos que o desinteresse pela leitura, seja tão elevado em nossa sociedade.

A literatura africana tem conquistado o seu espaço pelos seus aspectos estéticos literários, cativando o leitor por suas histórias envolventes.

A África, o negro e a Mãe-Negra (Mãe-África ou Mãe-Terra) ocupam nos textos um lugar de destaque, como referências, alusões ou temas, numa declaração humanística de povos até aí apresentados e representados (na literatura colonial) como destituídos de história, cultura e mesmo de sentimentos. (LARANJEIRA, 1995, p.29)

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A imagem do negro está sendo resgatada, tornando a leitura mais respeitosa com a cultura que tanto contribuiu para o Brasil. Aos poucos o desejo de identidade e humanização da cultura africana está acontecendo, transformando lentamente cada leitor que se aventura para esta nova possibilidade de literatura.

2 LITERATURA POPULAR E FORMAÇÃO DE LEITORES

A formação de leitores se constitui no processo de mergulhar em si mesmo, buscando respostas significativas, confrontando a obra lida com as próprias experiências, através da sedução que a leitura produz. Azevedo (2004, p.2) enfatiza:

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e este se justifica e se legitima justamente através da comunhão estabelecida.

A leitura envolve o sujeito na busca pela compreensão de significados e sentidos a diferentes tipos de representações. O ato de compreender um texto, vai além da simples decodificação dos signos, é necessário dar um sentido para o que está sendo representado. Após a aquisição da linguagem escrita, a leitura não pode transformar-se em um pretexto para transmitir o conteúdo acadêmico, deixando para segundo plano o aspecto prazeroso, lúdico, envolvente que desperta o gosto pela literatura.

Muitas obras da literatura infantil assemelha-se a cultura popular em razão da oralidade, o intuito é ser compreendido como se fosse uma conversa pessoal. Em outros textos escritos são marcados pela escrita erudita, pela impessoalidade, são técnicos e utilitários. É provável que o motivo que as crianças quando entram na escola gostam tanto dos livros é por estar mais próximo da realidade da qual fazem parte, em virtude disso, conseguem estabelecer relações importantes com a própria vida.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Como socialmente sabemos sobre os benefícios da leitura, muitos incentivam seus filhos a adquirirem este hábito, mesmo não o tendo, utilizam clichês que relaciona a literatura com prazer e viagens surpreendente, sem realmente saber que para atingir este objetivo é necessária dedicação. Não podemos deixar de mencionar que muitos pais iletrados, buscam através da escola melhores oportunidades para seus filhos, em razão disto, desliga-se da sua cultura popular, pois esta não os elevam na escala social, tão pouco, promove boa rentabilidade. Azevedo (2007, p.4) enfatiza:

Se é correta a premissa de que as manifestações populares são oriundas de um modelo de consciência construído socialmente e baseado na cultura oral, na valorização das hierarquias, da religiosidade, da vida coletiva e do senso comum, diferente, portanto, do padrão hegemônico criado a partir da escrita, da valorização do individualismo, do pensamento abstrato e teórico, da secularização, da informação e da objetividade, fica mais fácil compreender por que o modelo popular, em que pese sua grande importância, complexidade e influência, continua sendo tão desprezado.

Quando a criança entra no ensino formal e começa a se adequar cada vez mais a cultura oficial, começa a se desvincular da sua realidade, pensa que são dois mundos separados, não percebe a relação existente entre o saber escolar e o familiar. O mundo letrado parece moderno, civilizado e ostenta o saber científico próprio dos grandes intelectuais, já a cultura popular, oriunda normalmente das culturas ágrafas, parece espontânea e improvisada, destinada para os excluídos.

Quando o infante adentra a educação formal é levada a descartar a sua origem para se adaptar a realidade pautada na objetividade, impessoalidade e abstração, sem recorrer aos seus traços culturais. Quando opta por formas literárias populares, a criança consegue identificar-se, envolver seus familiares e até mesmo enaltecer a sua cultura de origem, respeitando o conhecimento prévio trazido da família. Identificar-se com suas heranças, indicando possibilidades mais científicas, consegue estabelecer ligações entre o saber formal e o popular, desperta o interesse real no leitor em buscar novas possibilidades de leitura e compreensão.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

3 ANÁLISE DO CORPUS “ CABELO DE LELÊ”

O livro “O Cabelo de Lelê” de Valéria Belém, escrita em 2007 conta a história de uma garota que não conhece suas origens e questiona sobre seu cabelo, em virtude desta inquietação busca informações através de um livro que a ajude. Ao entrar em contato com a obra, identifica-se com a história de seus ancestrais, aprende diversos penteados e passa a aceitar sua característica física, assim, encanta a todos, pois se sente segura em relação a si mesma.

É interessante observar que no início da história, relata claramente um dos obstáculos que muitas crianças negras enfrentam, não conhecem suas origens e talvez por isto tenham dificuldade em se aceitar. Há muitos pais que preferem não discutir sobre o preconceito com seus filhos, entretanto ao longo da socialização muitos sofrem discriminação, passam a ter dificuldades em aceitar-se e começa o processo de branqueamento, onde a primeira mudança instalada inicia-se no cabelo, tornando-o liso conforme os padrões eurocêtricos.

Para esclarecer a dúvida, a menina busca resposta em um livro, neste momento mostra claramente que ela é escolarizada e interessada em aprender, pois busca por si mesma, respostas que até então não foram oferecidas para ela. Diferente de outras obras que coloca o afrodescendente como intelectualmente inferior, esta o engrandece e mostra as suas habilidades, ou seja, coloca-o como um ser humano com igual vontade de aprender. Talvez esta seja a razão para a menina buscar o meio culto para sanar a sua dúvida, também podemos ter outros entendimentos sobre esta parte do livro. Podemos supor que na família da menina ninguém poderia ajudá-la, por não conhecerem a fundo as suas origens, logo a oralidade não seria o meio adequado para ajudá-la neste momento.

Até obter a resposta não sabe o que fazer com os seus cachinhos, acha que não há como arrumá-lo. Uma das grandes dificuldades das meninas que tem cabelos encaracolados é aceitá-lo, muitas preferem escondê-lo, pois é comum identificarem o

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

cabelo como ruim, Desta forma, recorrem aos alisamentos, ou utilizam outros meios para se aproximar ao modelo aceito.

Parece natural a forma como socialmente se refere pejorativamente ao cabelo crespo, para a menina que tem esta característica, sente-se apartada do grupo considerado superior. Não podemos esquecer as histórias da “Rapunzel” e do “Sansão e Dalila” que o cabelo é sinal de sedução e força, quando depreciamos o cabelo afro estamos tirando simbolicamente estas características. É na infância edificada a construção da identidade e a aceitação de seu pertencimento racial, no caso do corpus, a escravidão do estereótipo da personagem não ocorre, ela não se deixa dominar por padrões estéticos de beleza.

Quando a garota descobre no livro as inúmeras possibilidades de penteado que o cabelo permite, sente-se mais confiante, deste modo, o menino que poderia desvalorizá-la através de apelidos ou tratamento negativo, encanta-se por ela. Ao final da história está mais segura, tanto é que faz uma pergunta provocativa para o leitor, para que pense sobre a própria autoestima.

Note-se que, justamente por abordar o contraditório, a Literatura, em vez de trabalhar com personagens idealizadas, previsíveis e abstratas – além de “politicamente corretas” – típicas dos livros pedagógicos, pode apresentar ao leitor seres humanos fictícios, mas complexos e paradoxais, mergulhados num constante processo de modificação e empenhados na construção de um significado para suas vidas.[...]
(AZEVEDO, 2004, p.8)

Não há dúvidas que o livro em questão, é um ótimo referencial para os leitores independente do pertencimento étnico, serve como apoio para entender as diferenças entre as pessoas, aprendendo a respeitar igualmente a origem e as características de cada uma. Além do mais, é um personagem que mostra um conflito interior, mas tem coragem para transformar a própria vida.

Ao trabalhar com outras histórias e não somente os contos de fadas, possibilita ao leitor maior possibilidade de identificação com os traços dos personagens, valoriza e repete aspectos diferentes dos padrões estéticos oficiais. Promove o maior interesse

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

pela leitura, pois sabe que ela não é excludente e preconceituosa, é possível conhecer outras possibilidades até então desconhecidas.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. *Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares*. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, n. 27, maio/jun, 1999.

_____. *Formação de leitores e razões para a Literatura. Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo, DCL, 2004.

_____. “Formação de leitores, cultura popular e contexto brasileiro”. *Leitura em Revista Associação Internacional de Leitura*”, Ijuí RS, n. 10, 11 e 12. 2007.

BELÉM, Valéria. *Cabelo de Lelê*. São Paulo, Ibep Júnior, 2007.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 10 jan. 2003, Seção 1 , p. 1.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo, Ática, 1987.

LARANJEIRA, José Luiz Pires. *Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa*, Revista de Filologia Románica. Anejos , Madrid, p. 185-205, 2001.

_____. *Literatura africana de expressão de Expressão Portuguesa*, Universidade Aberta, Lisboa, vol.64, p. 18-29, 1995. Disponível em: http://lusofonia.com.sapo.pt/LA.htm#formação_e_desenvolvimento_das_literaturas_africanas_de_língua_portuguesa>. Acesso em 15 jul.2013.

RETTENMAIER, Miguel; Barbosa, Márcia Helena Saldanha; Rösing Mariza Kuchenbecker (Org). *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo (RS): UPF, 2004.206p.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.